

ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: OS LUGARES DE MEMÓRIA NOS GAVIÕES DA FIEL E O ACERVO TORCEDOR

Vitor Hugo Haidar da Silva¹

Resumo: O presente artigo pretende contextualizar a gestação e oficialização do Acervo Gaviões da Fiel, em 2019, quando a entidade torcedora completou seu jubileu de ouro, em linhas gerais. Com base nas ideias de Nora (1993) sobre “os lugares de memória”, passando pela noção de *habitus* de Bourdieu (1989) pretende-se discutir a maneira como a criação do Acervo Gaviões da Fiel – Tia Geni, especificamente, permite entrever as disputas e práticas de memória na entidade. Os resultados desta observação participante sugerem que o grupo pretende, sem abandonar a memória oral típica do grupo, utilizar o espaço para a salvaguarda dos materiais e das coleções individuais de torcedores, bem como, produzir, de modo autônomo, sua própria história.

Palavras-chave: Lugares de memória; Gaviões da Fiel; memória oral; história.

Between memory and history: the places of memory in the Gaviões da Fiel and the Acervo Torcedor

Abstract: This article aims to contextualize the gestation and formalization of the Gaviões da Fiel Collection in 2019 when the supporters' entity celebrated its golden jubilee, in broad terms. Drawing on Nora's (1993) ideas about "sites of memory" and incorporating Bourdieu's (1989) notion of *habitus*, the intention is to discuss how the creation of the Gaviões da Fiel Collection – Tia Geni specifically – recognizes certain disputes and memory practices within the entity. The results of this participant observation suggest that the group intends, without abandoning the typical oral memory of the group, to use the space for safeguarding materials and individual collections of supporters, as well as autonomously producing their own history

Keywords: Places of memory; Gaviões da Fiel; oral memory; history.

Entre memoria e historia: los lugares de memoria en los Gaviões da Fiel y el Acervo Torcedor

Resumen: Este artículo tiene como objetivo contextualizar la gestación y oficialización del Acervo Gaviões da Fiel en 2019, cuando la entidad de aficionados celebró su jubileo de oro, en líneas generales. Basándose en las ideas de Nora (1993) sobre "los lugares de memoria" y pasando por la noción de *habitus* de Bourdieu (1989), se pretende discutir la manera en que la creación del Acervo Gaviões da Fiel – Tia Geni, especificamente, reconoce ciertas disputas y prácticas de memoria dentro de la entidad. Los resultados de esta observación participante sugieren que el grupo tiene la intención, sin abandonar la memoria oral típica del grupo, de utilizar el espacio para la salvaguarda de materiales y colecciones individuales de aficionados, así como de producir, de manera autónoma, su propia historia.

Palabras clave: Lugares de memoria; Gaviões da Fiel; memoria oral; historia.

¹ Doutorando em História, Política e Bens Culturais, FGV/CPDOC-RJ; Bragança Paulista-SP; e-mail: vitorhaidar@gmail.com.

Introdução

Ao completar 50 anos de fundação, em 1 de julho de 2019, o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida – Força Independente, inaugurou um espaço dedicado à sua memória: o Acervo Gaviões da Fiel, posteriormente rebatizado Acervo Gaviões da Fiel – Tia Geni. O intuito deste departamento é salvaguardar a memória oral, escrita e material dos torcedores corintianos, em face de um entendimento interno, de partes de seus membros mais influentes, de que se costuma subestimar a importância destes materiais no cotidiano da entidade. Sua criação é fruto de um processo gestado na década de 2010 e envolveu inúmeros jovens preocupados em depurar as memórias do passado, resgatando passagens e interpretações que, por vezes, foram esquecidas. Trata-se de, em linguagem “nativa”, uma forma de resgatar a “ideologia”² torcedora, o que nos permite supor que, ao menos para alguns, ela se encontra em crise. Neste artigo, procuro contextualizar a criação do Acervo, apresentando as causas internas e externas de sua criação, para além da simples vontade de “tudo guardar” (Nora, 1993).

Dialogando com a bibliografia produzido sobre torcedores de futebol em geral e em específico com as diversas produções que tematizam especificamente o grupo (Hollanda; Negreiros, 2015), procuro na primeira parte deste texto lembrar as principais abordagens produzidas sobre os diversos aspectos da experiência torcedora nos Gaviões da Fiel. Destacam-se os temas que permitem compreender o grupo como um paradigma do universo torcedor, portanto, objeto privilegiado de observação acadêmica.

Na segunda parte do texto, apresento alguns dos aspectos que relacionam a memória aos hábitos torcedores. Grande parte dos apontamentos neste trecho, quando não explicitadas as suas fontes, se originam de incursões etnográficas realizadas entre os anos de 2016 e 2017, com vistas à realização de minha pesquisa de mestrado (Silva, 2018). Procuro, respeitando os limites deste texto, rearticular os aprendizados que tive, neste período, de modo a produzir o substrato dos argumentos. Sem mencionar pessoas ou eventos, apenas aludo ao conteúdo dos diálogos, destacando versões que me foram passadas e que, grosso modo, são de dimensão pública. Com base nisso, procuro argumentar que a memória, em suas distintas manifestações, se configura como um *habitus* no sentido de Bourdieu (1989), porque corresponde a um papel fundamental para a manutenção da coesão interna do grupo e como maneira de transmissão de seus valores.

² Ideologia é uma categoria nativa. Em dissertação de mestrado, a pesquisadora Rosana da Câmara Teixeira discorre sobre o termo filosofia, categoria nativa análoga ao termo aqui empreendido. A categoria filosofia é pouco empreendida no contexto atual, embora possa ser difundida em outros espaços e temporalidades. Ideologia ou filosofia representam os valores e comportamentos que regulam as relações dos grupos de torcedores (Teixeira, 1998).

Na terceira parte, procuro contextualizar as disputas sobre a memória, nos Gaviões da Fiel e a maneira como os torcedores, por meio do Acervo, podem dar vazão a estes processos internos, sublimando os tensionamentos. De certo modo, a memória é evocada constantemente para se justificar as posições nos tempos presentes, bem como um forte marcador identitário. Destaca-se o episódio envolvendo o presidente da entidade, que após assumir publicamente sua posição pessoal em vista do pleito eleitoral de 2018, produziu uma reação de parte dos associados. A questão que se coloca sobre o episódio é a ideia, propagada por ele e por outras figuras influentes na torcida, de que os Gaviões nasceram também para combater à Ditadura Militar (1964-1985). O quiproquó antecede a fundação do acervo da torcida, que desenvolve como primeira atividade uma exposição sobre a Democracia Corintiana, alargando os sentidos do conhecido evento do início dos anos 1980.

Finalmente, as duas últimas partes são dedicadas a apresentar a cronologia de fundação do Acervo, com base nas informações públicas de seus torcedores, em entrevistas disponíveis na plataforma Youtube. Nesta seção ainda, procuro organizar as ações públicas do Acervo, bem como, mencionar aspectos de seu presente momento. Estas informações nasceram do contato com as lideranças que, neste momento, conduzem os trabalhos.

O ninho do Gavião na torre de marfim: academia e torcedores de futebol

Hollanda (2015) abre a coletânea *Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada* com uma assertiva: a considerável quantidade de trabalhos acadêmicos dedicados a este grupo de torcedores. Os textos contidos nesta obra resumem a diversidade de abordagens pelas quais as lentes acadêmicas procuraram focalizar os Gaviões da Fiel. Para não incorrer em repetir as ideias presentes na introdução da coletânea, cabe dizer, para os propósitos deste texto, que múltiplas facetas da entidade de torcedores têm sido observadas a partir das ciências humanas e sociais, interessadas nas práticas e representações do grupo e sobre ele. Além desta bibliografia expressiva, outras pesquisas importantes sobre o movimento de torcidas no Brasil, indiretamente tematizam a torcida corintiana, sem as quais a história das arquibancadas nos últimos cinquenta anos não poderia ser contada (Canale, 2020; Hollanda, 2011).

É certo que outras torcidas organizadas foram e continuam sendo alvo de investigações das ciências humanas, e que como alguns trabalhos têm demonstrado (Canale, 2020; Hollanda; Teixeira, 2022), com grande potencial narrativo e profunda carga simbólica. Também é certo que, embora os Gaviões da Fiel sejam tidos em muitas pesquisas como o primeiro grupo de torcedores organizado do país, é reconhecido atualmente, que outros grupos de torcedores se formaram de maneira mais ou menos oficial, no mesmo período, influenciando-se

reciprocamente, principalmente entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, em fins da década de 1960. A disputa por ser a primeira torcida também constitui uma forma de capital simbólico disputado por estes grupos.

Eles se caracterizam, por uma forma de torcer inovadora nos anos de sua ascensão, que compreendem tanto a produção da festa na arquibancada, com o intuito de incentivar o time em campo, como também a dimensão contestatória, em relação aos dirigentes dos clubes. No caso dos Gaviões da Fiel, acresce-se o fato de ser a maior torcida, de um clube prestigiado no estado de São Paulo, o S.C. Corinthians Paulista, que se arvora, desde o tempo de sua fundação, como o “Time do Povo”. Em certo sentido, os Gaviões enformam a mitologia corintiana que se desdobra em suas representações, por meio do *corintianismo* (Toledo, 2013), isto é, representações simbólicas que envolvem o caráter subalterno, desprezado e contendor do clube e sua torcida. Desde sua fundação, os Gaviões se construíram como uma torcida atuante nas arquibancadas e viagens pelo país, bem como por sua postura militante, combativa e contendora. Estes aspectos, que já se destacavam na década de 1970, parecem ser o foco de interesse das primeiras produções acadêmicas sobre o grupo, como é o caso do artigo de Miceli (1976; 2015) e a dissertação de mestrado de César (1981).

Além destes aspectos gerais, que estruturam as relações entre os torcedores, a organização interna da torcida foi abordada por Costa (2015). Pela perspectiva da administração de empresas, o pesquisador procurou analisar as interações, as regras escritas e orais, que organizam a dinâmica dos torcedores. A partir de convivências e entrevistas, o autor procurava compreender a maneira como aquela instituição *sui generis* costumava suas regras e dispositivos internamente, concluindo que: “Com poucos recursos administrativos, baixo formalismo nas relações, estruturado no trabalho voluntário e na participação, com uma lógica emotiva” (Costa, 2015, p.76) poderia servir como modelo para outras instituições nacionais. Em que pese as críticas pontuais à democracia interna da entidade, o artigo acaba por demonstrar a maneira como os códigos de vivência se sobrepõem às regras escritas.

Como movimento cultural, para além do futebol, outros autores debruçaram-se sobre a participação dos Gaviões no Carnaval (Bueno, 2015), bem como analisam a representação dos torcedores pelas lentes cinematográficas de André Klotzel, em curta-metragem de 1982 (Melo, 2015). Embora o curta metragem de Klotzel, seja fruto de uma representação híbrida entre o drama e o documento, é possível entrever a maneira como à época os torcedores corintianos eram representados para além do jornalismo esportivo. Abordados a partir de uma lógica artística, revela-se também, a relevância do grupo, como metonímia do torcedor de futebol e, porque não dizer, metáfora da sociedade brasileira em que o preto e o branco se entrecruzam. Outros códigos, outros sentidos, é o que também é imposto ao traçar sua trajetória como Bloco de Samba e, posteriormente, como Escola no circuito oficial do samba

paulistano. O sucesso do grupo no século XX nas avenidas, obriga o grupo a se colocar diante das regras da cultura de massas, o que não ocorre sem tensões e conflitos.

Em que pese tais trabalhos revelarem aspectos que extrapolam o universo particular do futebol, o grosso das pesquisas, a partir dos anos 2000 se volta para a compreensão do fenômeno da violência entre torcedores. Com a crescente participação de grupos organizados em contendas nas ruas ou nas arquibancadas, durante a década anterior, o fenômeno passa a ser observado como um problema social e político (Lopes, 2012). Também como marca deste contexto, amplia-se o uso de ferramentas virtuais de comunicação, explicitando e ampliando a divulgação de tais ações, em geral, com participação de subgrupos³, que habitualmente se passavam nos bastidores dos movimentos de torcida. Neste sentido, Rocco Jr (2015) analisa a atuação de perfis que se representam por meio da torcida no ciberespaço, expressando o pertencimento ao grupo, bem como, amplificando as contendas para o universo virtual. Canale (2012, 2015) analisa a cisão ocorrida em meados dos anos 2000 dentro da torcida, com o surgimento do *Movimento Rua São Jorge*, que em 2012, se reunificou com a sede no Bom Retiro. Deste empreendimento etnográfico, complementado por entrevistas com lideranças fundadoras dos torcedores (Canale, 2015), são apresentados os elementos principais e os códigos de conduta que são estabelecidos internamente entre os torcedores nos trajetos em dias de jogos, principalmente nas caravanas.

Cabe ainda mencionar, a maneira como episódios históricos específicos são interpretados e relacionados aos Gaviões da Fiel. Neste sentido, o artigo de Negreiros (2015) busca reinscrever o evento da invasão corintiana ao Rio de Janeiro, em 1976, a partir da análise de alguns periódicos na época. Cravado na memória corintiana, a mobilização da torcida corintiana foi acompanhada de perto pela imprensa paulista, que viajava com a torcida em sua peregrinação para assistir as finais do Campeonato Brasileiro daquele ano. O fenômeno chamava a atenção, porque em meio ao AI-5, “a rua voltava a ser um espaço da população” (Negreiros, 2015, p. 91). Por sua vez, Florenzano (2015) relê o envolvimento dos Gaviões da Fiel em outro processo histórico do clube, a Democracia Corintiana.

A participação contraditória dos Gaviões da Fiel neste episódio, entre apoio e questionamento, expressa-se no lema “Democracia sim, bagunça

³ As pesquisas quantitativas sobre o engajamento real de torcedores organizados nos embates entre grupos destoam neste sentido: para Murad (2017), baseado em suas pesquisas, concentradas nas décadas anteriores, apresenta este número. Já a pesquisa mais recente organizada por Hollanda e Medeiros (2015), apresenta que 37% dos torcedores já se envolveram em contendas com outras torcidas, em São Paulo. A diferença pode ter relação com a abordagem qualitativa de Murad, que procurava compreender aqueles torcedores que de fato se reivindicam como violentos. Esta pesquisa abre caminho para se pensar em que medida este envolvimento é ativo, fruto de ação deliberada ou fruto das contingências, como encontros fortuitos entre grupos. Em linguagem nativa, se é fruto de “esquema” ou de “trombar os inimigos”.

não”, por meio do qual os torcedores questionaram a liberdade dos jogadores em exibir-se em práticas que eles consideravam como antagônicas ao papel do atleta profissional: beber, fumar ou não se concentrar para os dias de jogos. De certo modo, o sucesso do time em campo, arrefeceu o tom crítico, mas não ocorreu uma adesão plena dos organizados ao projeto dos jogadores. Na análise de Florenzano (2015), isto se deu porque confrontavam-se os discursos da profissionalização aos interesses amadorísticos dos torcedores. O movimento estaria no germe de uma modernização do futebol, que poderia afastar ainda mais os torcedores das instâncias decisórias. Ao mesmo tempo, o episódio destacava a autonomia dos torcedores em face aos acontecimentos do clube, ressaltando o aspecto contestador e crítico característico de sua atuação.

Deste conjunto de pesquisas, é possível entrever, ora de modo central, ora de modo lateral, a preocupação dos Gaviões com o passado e com sua memória. Por exemplo, as reuniões de novos sócios, que ocorrem sazonalmente aos sábados, desde sua fundação, para apresentar os códigos internos aos novos associados, rememora-se aos recém-chegados, os acontecimentos da época da fundação da torcida, as lutas pela afirmação, bem como a maneira como o Corinthians é compreendido por eles. Em linhas gerais, os Gaviões são apresentados como os guardiões do patrimônio material e imaterial do S.C. Corinthians Paulista. Nas palavras deles mesmos: proteger o Corinthians dos outros, os rivais, mas principalmente de si mesmo, ou seja, de seus dirigentes. Costuma-se ressaltar o ponto de vista subalterno da torcida, para quem o tipo ideal é o corinthiano, pobre, periférico, de chinelo de dedo no pé, desinteressado de oportunismos ou vaidades.⁴

A memória como *habitus* nos Gaviões da Fiel Torcida

Bosi (2003), citando o ensaio seminal de Pierre Nora (1993), recorda que “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas” (Nora *apud* Bosi, 2003). Benjamin (1985), por sua vez, em “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, atribui à memória o papel de musa da narrativa, em contraposição ao romance, que tem por musa o rememorar, ou seja, o lembrar após a reflexão. Para ele, o declínio da narrativa, ou seja, do gesto oral de se produzir narrativas, marca de sua contemporaneidade, da vida industrial e urbana, bem como do período entre guerras, é fruto do declínio da experiência. O romance emerge daí, como forma de narrar, sem necessariamente ter vivido e, aparentemente, aí também está o lócus da historiografia.

Memória e história se opõem para Nora, como narrativa e romance se opõe para Benjamin. Além disso, outros autores, como Stuart Hall

⁴ Informação oral [obtida em reunião na sede da entidade, em 2017].

(2011) e Homi Babba (1998), tem pensado a pós-modernidade (ou contemporaneidade) não como a superação do moderno, mas sim como a expressão inacabada da modernidade e a maneira como se constrói a partir dos escombros do passado, que resistem em meio ao processo transnacional de culturas, marca da globalização. Em outras palavras, entre tradições e modernidades, sobrepõe-se uma disputa por legitimidades, em que as posições sociais tradicionais estão em transfiguração e conflito constantemente, em nome de sua própria sobrevivência. Ao passo que culturas hegemônicas globais se impõem às culturas locais, processos de resistência são criados como forma de frear as coerções culturais advindas da esfera econômica. Em certo sentido, as culturas locais e subalternas, inscrevem-se em uma lógica defensiva, porque entendem (e em certo sentido estão) sob constante ameaça.

Um dos aspectos em que se visualiza tal desarticulação incide sobre o declínio das culturas orais. No entanto, apesar de encontrar-se ameaçada pelos valores hegemônicos de uma sociedade centrada na escrita, nela ainda subsistem espaços e grupos, cujos hábitos (em sentido lato), estão enraizados na oralidade. Sociedades iniciáticas, grupos de culturas diaspóricas, organizações semilegais ou até mesmo ilegais, traçam um projeto cujas experiências se desenvolvem por meio de uma dimensão oral. Pode-se afirmar que, as relações internas nas torcidas organizadas, por exemplo, se estabelecem por meio de uma cultura em que os valores são transmitidos entre os pares preponderantemente desta forma.

Dentro desta cultura oral emerge uma figura, cujo capital simbólico (Bourdieu, 1989) lhe permite posicionar-se como um narrador, no sentido de Benjamin (1985), mais especificamente, como um narrador-viajante. Este tipo de narrador, no autor alemão, é metaforizado na figura do marinheiro, que retorna das viagens com a capacidade de contar suas experiências, um pouco como ele as recorda, sem necessariamente passar por um processo alargado de reflexão ou organização prévia. O narrador-viajante, comum nas viagens colonizadoras, ao retornar expressava suas experiências por meio da memória e graças ao vivido, se legitima como um sujeito capaz de ocupar aquela posição. Estes narradores, em grande medida, excluídos da modernidade, ainda existem na cultura dos torcedores organizados brasileiros.

Esta figura do torcedor-viajante é central na formação dos jovens torcedores nos Gaviões, mas também em outras torcidas organizadas. Ele amalha o capital simbólico por meio de sua experiência, principalmente nas caravanas e nas arquibancadas, quando representam a torcida longe do território original. Suas memórias servem como maneira de legar às gerações mais novas, o “procedimento”, isto é, a moral que gere as relações internas do grupo, e, os códigos e regras não escritas inerentes às relações com torcedores rivais. Pode-se dizer que este narrador, memorialista, é uma figura análoga aos narradores das sociedades tradicionais.

Os apontamentos acima carecem de maior investigação, no entanto, deles é possível reconhecer que os torcedores de futebol cultivam e disputam a memória, como forma de produzir as relações entre os seus membros. Por meio de narrativas orais, transmitidas por membros mais antigos aos neófitos, reproduzem uma tessitura moral. Ao mesmo tempo, estes grupos enraízam suas memórias, para evocar Nora (1993), em objetos, espaços, situações e símbolos, de modo que não se pode falar em um descuido pelo passado, embora ele seja percebido como em constante ameaça. Nos Gaviões da Fiel, por exemplo, além das figuras dos narradores, a memória está presente nos espaços de sua atuação e nos rituais que perfazem, bem como, nos signos que reproduzem. Ainda que de maneira superficial, procuro nos exemplos a seguir retratar este conjunto de disposições, práticas que operam como estruturas não conscientes das relações entre o grupo e que perpassam os *lugares de memória* (Nora, 1993).

Como a memória se enraíza também nos signos, na maneira como são reiterados e naturalizados nos grupos, pode-se falar que o lema da entidade, o acrônimo, LHP (Lealdade, Humildade e Procedimento) opera como um signo em que a memória gavião se enraíza. Este lema, como aponta Canale (2012; 2015) corresponde as normas e regras não escritas da entidade, maleáveis às circunstâncias. Aos de fora, aos pesquisadores e jornalistas, ele será explicado de diversas formas, com sentidos correlatos, mas nem sempre precisos. Entre seus membros, no entanto, ele é um signo que opera sob rasura, nos termos de Jaques Derrida (Derrida *apud* Hall, 2000), isto é, seu uso aponta antes para o significante, que de tão naturalizado, parece produzir um sentido transparente, embora pleno de opacidade e contingente aos contextos de uso.

O LHP opera como traço de identificação e seu acionamento invoca os conhecimentos que o membro deve ter sobre os *habitus* da torcida, isto é como agir naquele campo. Além disso, quando apresentado aos de fora, é comum que se explique suas origens, seu criador, a sua ascendência sobre as gerações que se criaram na década 1990. Ele, assim como o lema revolucionário franceses ou russos, opera externamente, como uma forma de reprodução ideológica e propagandística. Liberdade, Igualdade e Fraternidade ou Pão, Paz, Terra ou ainda, Pátria, Deus e Família (para evocar o fascismo), lemas construídos com três termos, como Lealdade, Humildade e Procedimento. Signos que funcionam como nortes ideológicos, justamente, pela capacidade que adquirem por sua aparente obviedade, por sua naturalização e poder de síntese.

No caso do LHP, salta aos olhos, no último caso, o termo Procedimento, que também é usado no discurso do crime, desde meados da década de 1980, na cidade de São Paulo. O “procedimento” ou “proceder” é a atitude esperada entre criminosos, um código que por muito tempo foi de dimensão oral, mas que com a ascendência de grupos com ramificações criminais vastas, como o Primeiro Comando da Capital,

pode ser encontrado em código escrito, que norteia as regras entre “irmãos” (Feltran, 2018)⁵.

Inculcados entre os membros ativos da entidade, transmitidos “ao pé do ouvido”, como é falado internamente, este lema opera como uma categoria assimilada pelo grupo, de valor transcendente, também podendo ser compreendido nos moldes do que Durkheim (1996) propõe ao analisar as formas elementares da vida religiosa. Se trata da necessidade de que os atos sejam repetidos para que eles renovem os seus efeitos sobre o grupo, internalizando-se nos indivíduos e ao mesmo tempo erigindo categorias que estabeleçam a coesão e a ordem interna. Tal comparação não é fortuita, haja vista o caráter afetivo e passional que envolve a adesão às comunidades organizadas de torcedores, com seus ritos de iniciação e de culto ao clube ou a si mesmos⁶.

Outros espaços de memória são construídos pelo grupo. Por exemplo, as performances em dias de jogos, que evocam a memória do grupo por meio de suas músicas, gestos, faixas e bandeiras. Conquistas são lembradas, provocações sobre rivais são disparadas nestes objetos, bem como, alude-se a própria história simbólica do clube, apresentando, por exemplo, os diferentes escudos que o clube ostentou ao longo de sua história, para ficar em poucos e generalizantes exemplos. Além disso, as formas em si, também adquirem historicidade. Por exemplo, conta-se a história dos bandeirões, quando eles foram feitos, quando foram usados pela primeira vez (em geral estreados em clássicos contra o rival Palmeiras), bem como os porquês de seus desenhos e formatos. Em algumas músicas, episódios do passado são também evocados, ligando o presente e o passado, bem como, por vezes, alude-se aos seus criadores, ao momento em que surgiram e porque surgiram. Até mesmo músicas que aludem a conflitos com outros grupos, concentram este hábito memorialista. Este conjunto de artefatos e símbolos materiais são denominados em linguagem nativa como patrimônio, sobre eles ocorre um investimento de defesa e contenção, para que não sejam vilipendiados física e simbolicamente pelos adversários. Esta cultura material foi recentemente investigada por Souza Júnior (2022).

Espaços físicos também concorrem para este repertório memorialístico que se faz presente no cotidiano da torcida. A sala do conselho, recém reformada, deixa exposta aos torcedores objetos históricos, como camisetas, fotografias, troféus do carnaval e placas de

⁵ Abro um breve parênteses para esclarecer que não se trata de uma influência ou de um controle do “mundo do crime” sobre torcedores organizados, como vez ou outra é veiculado de maneira irresponsável por setores da imprensa. Esta conexão entre os dois mundos se dá por contágio, sobretudo pela origem periférica de seus membros, acostumados às regras que foram se implantando nas periferias ao longo dos anos 1990 e que hoje estão presentes nas mais variadas regiões do estado de São Paulo. Como em outros setores do capitalismo brasileiro, os planos da ordem e da desordem se entrecruzam.

⁶ Para uma maior compreensão sobre as relações entre o futebol e as religiões ver Franco Júnior 2006 e Wisnik (2008).

homenagens recebidas ao longo de sua existência⁷. Neste espaço, valoriza-se a presença daqueles que são intitulados de velha-guarda, ou seja, torcedores menos ativos no presente, mas a quem os mais jovens respeitam por suas ações e sua importância histórica. O próprio nome da sala é uma forma de ritual de memória, na medida em que homenageia seu sócio número 2, Alcides Piva, o Joca. Assim como o nome da sede, homenageia o outro pilar da fundação dos Gaviões da Fiel, Flavio la Selva. A referência aos dois não é fortuita. Flávio e Joca representam as duas linhas de condução da entidade: o caráter militante do grupo, articulando politicamente suas reivindicações; e a força nas arquibancadas, como elemento de condução da torcida corintiana. Se Flávio era o articulador com as instituições legais da sociedade, Joca era o líder interno, com capacidade de transitar entre espaços oficiais e as arquibancadas.

A onomástica dos torcedores cultua outras figuras históricas do grupo por meio de espaços que recebem seu nome, sendo o Cantinho do Jogador e do Pixote o mais conhecido. Trata-se de um espaço em frente ao bar, no qual são realizados sambas improvisados pelos torcedores, e no qual figuravam a imagem de tais torcedores estilizadas dentro da estética do grafite. A área foi criada, segundo se conta, por Pixote, após a morte de Jogador, liderança de arquibancada dos anos 1980, falecido no início dos 1990, que passava ali, os seus momentos na quadra. Como criador deste espaço, após sua morte em decorrência da Covid-19, em 2022, o local foi rebatizado acrescentando seu nome. Assim como a loja, em que se comercializam as roupas e acessórios dos torcedores, foi transferida de lugar, ocupando um dos andares destinados ao Acervo e rebatizada de Loja Edmar Bernardes, em homenagem ao Gordo, criador do lema LHP. Acresce-se o gesto de rebatizar o Acervo com o nome de Tia Geni, mulher que dedicou sua vida à entidade, frequentando às arquibancadas até as vésperas de seu falecimento.

Por fim, um dos principais rituais de memória dos torcedores, diz respeito à comemoração da fundação do Corinthians, que ocorre anualmente em setembro. Parte-se em procissão da sede da torcida, em conjunto com as demais torcidas organizadas do clube e torcedores comuns, até o local de fundação do clube, nas esquinas da Rua Cônego Martins com a Rua José Paulino, no Bom Retiro. Distante cerca de quilometro e meio da sede dos Gaviões, os torcedores se apropriam do lugar, simbolicamente e materialmente, fazendo emergir de suas ruínas, acontecimentos do passado ignorados pelos passantes apressados em dias normais. Em 2016, a prefeitura de São Paulo reformou um mini obelisco que simbolizava a fundação do clube e os torcedores acrescentaram o lampião, simbolizando a fundação do clube. O monumento é cultuado e esporadicamente visitado por grupos de torcedores para manter sua preservação.

Não distingui entre memória-hábito e memória-imagem (Bergson *apud* Bosi, 2003) porque estes tipos se confundem e se mesclam nesta

⁷ Cabe mencionar que a curadoria dos objetos e a reforma da sala foi uma das primeiras atividades com envolvimento direto do Acervo Gaviões da Fiel, em 2019.

dinâmica. Estas distinções podem servir de alicerce para futuras pesquisas sobre torcedores. O exposto até aqui pretende afirmar que a memória, em suas variadas formas de operação, é um aspecto estruturante das relações entre torcedores. Apesar disso, é comum o questionamento, principalmente de torcedores mais velhos, com trânsito entre a Velha Guarda da torcida, sobre a perda dos valores nas gerações presentes. Em grande medida, não apenas por conta do envolvimento de associados em episódios de violência, mas também pelas diferenças geracionais que permeiam a convivência destes torcedores. Em face disso, grupos de torcedores preocupados com estes aspectos, se mobilizaram a partir do crescimento da entidade durante a década de 1990, para a necessidade de preservação desta memória e a consequente possibilidade de se escrever, a partir de seus espaços, a sua própria história.

O Acervo Tia Geni: entre a memória e a história

Pierre Nora (1993) amplifica a noção de “lugar de memória”, segundo ele, justamente porque a memória verdadeira, já não era mais possível. Para ele, um “lugar de memória” é ao mesmo tempo material, simbólico e funcional, e embora memória e história sejam termos tidos como correlatos, eles em tudo se opõem. Em grande medida, as memórias coletivas se enraizam na concretude da experiência, em objetos, em lugares, em símbolos, em monumentos, em livros. A história, por sua vez, como forma analítica e crítica de mediar o passado, opera no sentido de desconstruir a memória para extrair dela certa lógica. A memória está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, vulnerável a todos os usos e manipulações: a memória dentro de um grupo é também disputada, revivificada, revisada. “Desde que não haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (Nora, 1993, p. 9).

Para Nora, não há uma memória pura (assim como para Benjamin) possível na contemporaneidade, tudo antes é já história. Em outras palavras, recordar não basta, é preciso organizar, compreender, demandar um empenho analítico. Quando se fala em preservar ou salvaguardar o passado, já se está produzindo uma vontade por história, isto é, por distanciamento, afastamento. Neste sentido, a criação do primeiro acervo de uma torcida organizada de futebol no país, em 2019, é fruto deste duplo movimento, entre o tudo guardar, para que não se perca, mas ao mesmo tempo, fruto de escrever e disputar os sentidos sobre o seu próprio passado. Pode-se pensar tal espaço, como um lugar entre a memória e a história dos Gaviões da Fiel.

É inerente à construção de qualquer memória social, as disputas sobre os seus sentidos, um “jogo entre esquecimento e rememoração seletivos para justificar posições no passado e identidades no presente” (Napolitano, 2015, p. 20). Por isso, ao mesmo tempo em que responde aos elementos exteriores que tematizam os torcedores, como a academia

e a imprensa, a criação do acervo também responde às disputas internas sobre o passado da entidade. Desta maneira, a criação do Acervo permite tecer sua historicidade, a partir de um ponto de vista autóctone, bem como, confrontar aquilo que no discurso dos outros apareça como ilegítimo.

Um exemplo destas disputas é a maneira como a democracia é considerada como parte central da memória cultivada entre os torcedores corintianos (Hollanda; Canale, 2019). Segundo suas próprias representações, a fundação da torcida e a conseqüente afirmação nas arquibancadas, se deu em meio ao contexto de ampliação da repressão política da ditadura militar sobre a sociedade civil organizada. Segundo um de seus fundadores, em entrevista a Canale (2015), o projeto do núcleo dirigente da torcida nos anos iniciais era derrubar a ditadura de Wadih Elu, presidente do Corinthians, que acumulava dez anos de uma gestão fracassada à frente do clube e contribuir indiretamente para o restabelecimento da democracia no país. Ao longo dos anos, além de ganharem o respeito nas arquibancadas e devido a capacidade de diálogo de suas lideranças, os Gaviões se transformaram numa entidade militante e participativa.

Ao final de 1970, os torcedores decidiram aderir à campanha pela anistia, erguendo em jogo contra o Santos Futebol Clube, uma faixa em que se posicionavam a favor da “Anistia ampla, geral e irrestrita”. Dentre as diferentes versões, em que os torcedores da época reivindicam sua participação no episódio, tem-se que a faixa surgiu do envolvimento de lideranças da entidade com os movimentos sociais que se reorganizavam no final daquela década. O episódio também alimenta versões que atribui a infiltrados e oportunistas a exposição da faixa, retirando do grupo a autoria da ação. Em que pese as diferentes versões, esta memória é evocada nas reuniões de novos sócios e transmitidas oralmente entre seus membros. Memória assentada entre o grupo, legítima e difundida.

Resgatando essa versão, o presidente da entidade Rodrigo Gonzalez Tapia, o Digão, em 2018, divulgou uma nota em sua rede social, posicionando-se contra a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência da República. A nota apontava tais memórias dos Gaviões da Fiel para afirmar que “Gavião não vota em ditador” e de maneira taxativa convidar os torcedores que apoiavam o candidato a “repensar” sua trajetória na torcida. O gesto, apesar daquilo que parecia óbvio para grande parte dos torcedores, produziu uma forte reação, insuflada, provavelmente, por perfis nas redes sociais que não necessariamente expressavam a opinião da maioria dos torcedores atuantes no cotidiano da entidade.

A polêmica abriu uma crise interna sobre o direito que o presidente tem em se manifestar desta forma, ocupando o cargo máximo da entidade. Ainda assim, durante o segundo turno, o conselho deliberativo declarou seu apoio oficial à candidatura de Haddad (Brasil de Fato, 2018). Tais posicionamentos levaram a torcida, já perseguida por outras razões, a ser atacada por grupos bolsonaristas nas redes sociais, aspectos que repercutiram internamente abrindo a discussão sobre a

finalidade do grupo e necessidade de se distanciar de posicionamentos partidários, considerando a multiplicidade dos associados e suas diferentes bandeiras políticas. Como consequência deste processo, parte dos torcedores (talvez simpáticos a Bolsonaro, talvez apolíticos) passaram a defender, abertamente, a ideia de que o objetivo dos Gaviões deve se concentrar no Corinthians, sem extrapolar para causas político-partidárias. Estas tensões têm sido vivenciadas, por coincidência ou não, nestes anos de fundação e consolidação do Acervo Tia Geni.

Cronologia e experiências de um acervo torcedor⁸

A oficialização do Acervo dos Gaviões da Fiel “Geni Santiago de Almeida – Tia Geni” ou Acervo Tia Geni, é a materialização espacial de um processo que tem suas raízes no período em que as torcidas ficaram proibidas de frequentar os estádios pela justiça paulista. Diante das contendas físicas de que eram acusados, um grupo de diretores dos Gaviões da Fiel resignificaram o Departamento Social, com o intuito de utilizar a potencialidade coletiva dos associados em prol de ações assistenciais. Era uma maneira de refazer a imagem dos torcedores diante da sociedade, de modo a valorizar o caráter coletivo e solidário que também se expressa nas torcidas organizadas.

As relações estabelecidas a partir das campanhas assistencialistas aproximaram o grupo de torcedores de espaços mais amplos da sociedade, e, de segmentos do poder público. Ao longo daqueles anos, especificamente entre 1995 e 2002, em meio as batalhas judiciais que impediam a participação legalizada dos torcedores na arquibancada, a mídia hegemônica, por meio de coberturas enviesadas, construiu e difundiu sentidos negativos a respeito dos torcedores (Lopes, 2012).

Em grande medida, os efeitos de sentidos ali produzidos oscilavam entre a perspectiva festiva de tais grupos e a dimensão violenta de suas atuações. Ainda que se possa pensar em certa ambiguidade de tratamento, a respeito dos organizados (Aguilera, 2004), a retórica jornalística estabilizava um léxico que os marginalizava: vândalos, bárbaros, bandidos, marginais, violentos etc. Soma-se a isso o discurso neoliberal voltado à segurança pública, que ao pensar as problemáticas nos estádios, toma como base estas representações simplificadas e interessadas. Reduz-se a compreensão do fenômeno à esfera de um certo sentido de violência, como procura demonstrar Lopes (2012).

A organização do Departamento Social dos Gaviões da Fiel pode ser interpretada, portanto, como uma atitude responsiva aos discursos detratores de ampla aceitação e circulação no período. Desde meados da década de 1980, os Gaviões da Fiel tornaram-se uma organização de massas, após um crescimento exponencial no número de associados, dificultando o controle e a ação sobre os subgrupos. Tal fenômeno

⁸ As informações desta seção procuram resumir a historicidade do Acervo. Parte delas é extraída de entrevistas concedidas em canais do Youtube e disponíveis na internet.

também está presente nas demais torcidas, como atestam a bibliografia (Toledo, 1996; Hollanda, 2011). Além disso, a crescente importância no mundo do samba transformou os Gaviões da Fiel em uma entidade para além do futebol. O trabalho social da entidade, procurava resgatar os valores da fundação da entidade, em um momento de dissolução dos valores coletivos e de profundo esgarçamento na convivência entre os torcedores. Desta forma, o renascimento do Departamento Social também pretendia resgatar a dimensão política que balizava a trajetória do grupo, por meio do resgate da memória coletiva construída nas décadas anteriores.

Durante os anos 2000, o Departamento Social da torcida, graças a iniciativas de determinados agentes, costurou relações com universidades, sindicatos, associações civis e movimentos sociais, bem como, um diálogo com outras torcidas, para administrar os problemas decorrentes de contendas que se tornavam inelutáveis. Internamente, este grupo de lideranças se aproximava da militância política tradicional, atuando em paralelo aos interesses do futebol, e ao mesmo tempo, trazendo as pautas destes movimentos para a entidade. Homenagens ao MST nas arquibancadas, apoio a certas pautas do movimento sindical, bem como a tentativa de reordenar as associações de torcedores em 2001, foram movimentações que passaram por este espaço.

Ao mesmo tempo, estas iniciativas, nem sempre eram compreendidas por segmentos de seu coletivo torcedor, abrindo disputas e reconfigurando as pautas internas da entidade. Diante das tensões produzidas no meio, as ações do Departamento Social oscilaram ao longo dos anos, ora direcionando-se mais diretamente para intervenções na esfera pública, ampliando o leque de relações com movimentos sociais, ora acentuando o caráter assistencial por meio de campanhas de alimentos e agasalhos. Destas inúmeras vivências, construiu-se lideranças que se legitimaram como responsáveis por este setor.

Uma delas, Wildner Rocha, o Pulguinha, foi reconhecendo a necessidade de se construir um museu (um lugar de memória) para que a história dos Gaviões da Fiel pudesse ser contada, servindo como um elemento de formação para os novos integrantes. Em 2013, convidado pela diretoria para ressignificar um terreno adjacente à quadra no Bom Retiro, surgiu a ideia de construir um espaço cultural, que entre outras atividades, exibiria fotografias e objetos históricos da torcida.

Apesar do sucesso entre os associados, a experiência durou pouco, porque a prefeitura reivindicou a área para a construção de um parque público destinado a esportes radicais urbanos, inaugurado em 2015. Como ao longo daquele breve tempo, coleções, camisetas e outros artefatos foram doados pelos torcedores, com o seu fechamento, não havia um espaço adequado para a salvaguarda destas coleções. Durante quatro anos, o material ficou armazenado em sua residência, com o receio de que se perdesse no espaço da sede. Por sua vez, este espaço, um galpão que abriga uma quadra de futsal, coberta por telhas de fibra, em que acontecem as festas, jogos de futebol entre associados e os ensaios

do carnaval, não tem condições climáticas de abrigar tais materiais, garantindo a sua conservação física.

Após este hiato, em 2018, jovens que vivenciaram aquela primeira experiência, passaram a defender a ideia de concretizar um espaço oficial de memória da torcida, considerando a efeméride do cinquentenário de fundação dos Gaviões da Fiel, no ano seguinte. Reuniu-se um grupo de associados que entendiam a importância desta preservação, bem como entendiam a necessidade de controlar as narrativas públicas sobre eles. O gesto pioneiro entre torcidas organizadas se torna ainda mais emblemático, porque a construção do espaço, em terreno situado à frente da sede, no Bom Retiro, se deu por meio de ações voluntárias de arrecadação de fundos, por meio de vendas de materiais que evocavam a história e por meio da abertura de um livro ouro de doações.

Em 2019, inaugurou-se a sala do primeiro andar, na qual exibiam-se parte do material nas paredes e na qual eram vendidos roupas e acessórios para financiar a atividade do acervo. Em 2020, foi finalizado o segundo andar, no qual seriam acondicionados os materiais, bem como, futuramente, espaço público de pesquisa sobre a torcida. Ao mesmo tempo, ao lado do acervo, foi erigido um monumento às caravanas da torcida. Os torcedores serraram a cabine de um ônibus de turismo, acoplando-a em uma parede ao lado do espaço de memória, simbolizando um dos aspectos centrais dos Gaviões e, por extensão, da torcida corintiana, a sua participação constante nos jogos do clube pelo país. Os torcedores podem entrar na cabine dos ônibus para ver as fotografias doadas por associados, de suas viagens em prol do clube.

Erigido o espaço físico, ele deveria ser organizado para funcionar como um espaço de documentação pública da cidade de São Paulo. Para isso, o material precisaria ser organizado e inventariado pelo coletivo responsável. No entanto, durante a pandemia com a impossibilidade de manter os trabalhos presenciais normalmente, a organização física dos artefatos foi adiada, divulgando o material produzido até então. Com a mudança de diretoria, ocorrida no início de 2021, a equipe inicial do acervo foi substituída aos poucos, mudando a dinâmica de divulgação em redes sociais, voltando-se para o trabalho interno de organização e legalização do espaço.

As ações do Acervo

Procuo a seguir descrever as experiências produzidas publicamente pelo Acervo, entre 2019 e 2022.

a) Exposições

Por ocasião de seu jubileu de ouro (cinquentenário da torcida), fundada em 1 de Julho de 1969, inaugurou-se o Acervo Gaviões da Fiel, posteriormente rebatizado de Acervo Tia Geni. Na data, foi organizada uma exposição cujo tema era justamente a Democracia Corintiana,

período marcado pela participação dos jogadores nas decisões do clube, e ao mesmo tempo, intervenções públicas de alguns deles, em defesa da redemocratização do país. Como afirmado, anteriormente, o período é marcado por controvérsias na relação entre os jogadores e torcedores. Ao mesmo tempo, era oportunidade para retomar o episódio em que uma faixa pedindo Anistia ampla, geral e irrestrita foi levantada em meio ao grupo, em 1979. Os autores do protesto, um deles fundador da torcida estiveram presentes no debate, que ainda envolveu a figura do jogador Walter Casagrande, um dos protagonistas, ao lado de Wladimir e Sócrates, do movimento de jogadores.

Na esteira da comemoração de seus 50 anos, o Acervo conduziu uma exposição sobre a fundação da torcida, no Memorial do Corinthians, situado na sede social do clube. A parceria entre os torcedores e o clube serviu como uma primeira experiência em que se comunicariam com o corinthiano comum. Até o momento, não foi possível obter relatos mais profundos sobre a experiência⁹.

Ainda no campo das exposições, o Acervo tem participado das reformas dos espaços internos da sede, de modo a utilizar o material sob sua responsabilidade para decorar as salas. Ao mesmo tempo que decorativo, as escolhas dos objetos têm sido fruto de escolhas com base na lógica subjetiva, sem uma orientação prévia. O que reforça as sutilezas amadorísticas, constatados em 1995, por André Lucerton Costa (2015), como forma de se conduzir as relações internas. Camisetas, canecas, fotografias e troféus referentes aos títulos conquistados no Carnaval compõem os artefatos exibidos.

b) Memória Oral

Outro aspecto presente nestes anos de atuação é a prática de coleta de entrevistas orais, por meio de vídeos e ou áudios. Deste conjunto de depoimentos, alguns deles foram divulgados entre 2020 e 2021, na página do Youtube de responsabilidade do Acervo. Entre estes vídeos, os mais assistidos pertencem ao projeto Papo de Gavião. Trata-se de um modelo de entrevista que se assemelha aos métodos da História Oral. O entrevistado, uma liderança da torcida, é convidado para contar sua trajetória, os significados subjetivos que a entidade produz nele, bem como contar episódios que em geral permaneciam nos bastidores dos movimentos de torcida. Inicialmente produzido em formato de Live, gênero que se popularizou por conta da reclusão imposta pela pandemia de 2020, aos poucos foi aprimorado em termos de técnicas de filmagem, de áudio e principalmente de edição. Embora tenha sido descontinuado, trata-se de uma nova fonte de entrevistas de torcedores, dos anos 1980 e 1990.

c) Catalogação, organização e conservação dos materiais

⁹ <https://www.corinthians.com.br/noticias/memorial-do-corinthians-apresenta-exposicao-comemorativa-aos-50-anos-dos-gavioes-da-fiel>

Voltados para a organização interna, o Acervo interrompeu a divulgação de seus materiais, em virtude da necessidade de organização interna destes materiais. No presente momento, procura-se catalogar, selecionar e organizar os materiais, ao passo que eles vão recebendo o tratamento de limpeza, para o acondicionamento nas gavetas, protegidos dos desgastes naturais do clima e do tempo. Neste trabalho, procura-se também legitimar juridicamente o espaço, para poder abrir ao conjunto dos torcedores e a pesquisadores ou visitantes interessados. Ao mesmo tempo, pretende-se futuramente incentivar e consolidar a pesquisa autóctone do grupo, para compor novos artefatos de divulgação e de memória.

Considerações Finais

As torcidas organizadas, acusadas de envolvimento em rixas e violências dos mais variados tipos, também são um espaço de socialização e de produção cultural na urbanidade. César (1981), na primeira pesquisa acadêmica de fôlego dedicada à torcida corintiana, apresentava os desejos de seu sócio número 1, Flávio La Selva, de concretizar nos espaços da entidade uma frente cultural e de formação que diversificasse os perfis de associados que acorrem aos Gaviões. Nos anos seguintes, a torcida, já considerada uma força como bloco, consolidou-se no circuito oficial do samba paulistano, ao transformar-se em Escola, em 1989¹⁰.

O sucesso no samba, na década seguinte, no entanto, veio acompanhado de dificuldades em sua dimensão torcedora, sua finalidade principal como entidade. Como dito anteriormente, entre os anos de 1995 e 2002, as torcidas de futebol paulistas se mantiveram funcionando numa espécie de limbo semilegalizado, o que dificultava ações culturais mais contundentes. Com a aproximação de seu cinquentenário, em 2019, foi possível aos torcedores, dentro de uma conjuntura específica eivada de contradições, inaugurar o Acervo Gaviões da Fiel, lugar de memória, com a finalidade de salvaguardar as diferentes práticas memorialísticas que estruturam a sua atuação.

O jubileu de ouro da entidade consolida um espaço por meio do qual as gerações futuras de associados poderão escrever, de maneira relativamente autônoma, sua própria história. Tal fato já vem ocorrendo por meio de uma “escrita” da história, que se está fazendo por meio de uma série de objetos iconográficos, videográficos, multissemióticos. Em outras palavras, a torcida inaugura, sem perder suas práticas de

¹⁰ Entre 1976 e 1988, o bloco Gaviões da Fiel Torcida venceu doze edições da competição desta modalidade no carnaval paulistano. Como Escola de Samba, a partir de 1989, foi vencedora do grupo de acesso por 3 vezes, e sagrou-se campeã do grupo especial, em 4 oportunidades, 1995, 1999, 2001 e 2002. Além disso, ainda é preciso investigar a importância da entrada da torcida corintiana para a legitimação e consolidação dos desfiles de escolas de samba em São Paulo, debate ainda incipiente na bibliografia sobre o grupo.

memória tradicionais e cotidianas, uma faceta histórica de sua própria existência, que pode contribuir para o surgimento de outros espaços assemelhados, em outras torcidas.

Ainda que essa memória e essa história se deem por meio do viés clubístico, em grande medida, costurada pela paixão, tal espaço poderá, futuramente, se abrir para consultas públicas de historiadores, pesquisadores ou jornalistas, interessados em rever a rica história do movimento de torcidas no Brasil. De certa maneira, tal espaço ainda, poderá contribuir para a formação ideológica, imaginária, moral e afetiva dos futuros associados. Olhar o passado, como sugere Paulinho da Viola, em *Desilusão*, canção de ampla circulação social, é uma forma de pensar no futuro. Ao mesmo tempo, uma forma de manter em pleno voo, o cinquentenário Gavião corintiano.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA CORINTHIANS. Memorial do Corinthians apresenta exposição comemorativa aos 50 anos dos Gaviões da Fiel. **Corinthians**, 2018. Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/noticias/memorial-do-corinthians-apresenta-exposicao-comemorativa-aos-50-anos-dos-gavioes-da-fiel>. Acesso em: 18/11/2023

AGUILERA TORO, C. **O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas de futebol na Folha de S. Paulo (1970-2004)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2004.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e Técnica. Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A gênese do conceito de Campo e Habitus**. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

BUENO, Arthur. Uma torcida que samba: O Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 219-254.

CANALE, Vitor Santos. **Torcidas Organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normas do torcer**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CANALE, Vitor Santos. Lealdade, Humildade e Procedimento: a constituição do discurso de verdade na fundação dos Gaviões da Fiel. In: **Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol**, 2015. Anais eletrônicos, São Paulo, CRFB, 2015. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/695131/>.

CANALE, Vitor. **Um movimento em muitas cores: circuito das relações entre torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988**. Tese (Doutorado em História, política e bens culturais), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

CESAR, B. T. **Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo: ou o duelo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1981.

COSTA, André L. A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do grêmio Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 57-77.

DAMO, A.S. **O espetáculo das identidades e alteridades**. In ALFONSIN, D.; CAMPOS, F. (orgs.) *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 23-56.

DURKHEIM, Emile. **Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FELTRAN, Gabriel. **Irmãos: uma história do PCC**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

FLORENZANO, José Paulo. A democracia corinthiana e os Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 95-112.

GUIMARÃES, Juca. **“Bolsonaro vai contra tudo que somos”, afirma conselheiro da Gaviões da Fiel**. Brasil de Fato, São Paulo, 21/10/2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/21/bolsonaro-vai-contra->

tudo-o-que-somos-afirma-conselheiro-da-gavioes-da-fiel. Último acesso em: 25/02/2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade**. In: SILVA, Tomáz Tadeu.. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.103-133.

HOLLANDA, B. B. **O clube como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Faperj, 2011.

HOLLANDA, Bernardo Buarque & CANALE, Vitor dos Santos. **O jubileu de ouro de uma torcida organizada: ditadura, democracia e a construção da memória dos Gaviões da Fiel (1969-2019)**. In: *Ludopédio*, São Paulo, v. 121, n. 39, 2019.

HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

HOLLANDA, Bernardo B. B. de & MEDEIROS, J. *Violência, juventude e idolatria clubística: Uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo*. **Revista Hydra**. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Buarque & TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo: Memórias da Torcida Jovem do Flamengo (1960-1990)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discurso sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MELO, Vitor de Andrade. *Torcer – uma alegria tensa, uma diversão séria: representações em Gaviões (André Klotzel, 1982)*. In: HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 113-121.

MICELI, S. *Os Gaviões da Fiel: Torcida Organizada do Corinthians*. In: HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 49-56.

MURAD, M. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. São Paulo: Envirá, 2017.

NAPOLITANO, Marcos. “Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro”. In: **Revista Antíteses**. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, n. 8 (15), 2015, p. 9-44.

NEGREIROS, Plínio. A torcida corinthiana e a ocupação do Maracanã: Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1976. In: HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaio e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 78-94.

NORA, Pierre., & AUN KHOURY, T. Y. (2012). **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Último acesso em 25/02/2023.

ROCCO JR, Ary. Gaviões da Fiel na rede: pertencimento, violência e consumo no ciberespaço. In: HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. **Os Gaviões da Fiel: Ensaio e etnografia de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 134-156.

SILVA, Vitor H. H. **Os Gaviões da Fiel Torcida: cultura de arquibancada contra o futebol moderno globalizado**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SOUZA JUNIOR, Roberto de Alencar Pereira de. **Torcidas organizadas entre futebol e carnaval: uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos,, 2022

TEIXEIRA, R. C. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996

TOLEDO, L. H. **Quase lá: a copa do mundo no Itaquarão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora**. In: Revista Horizonte antropológico, vol.19, n.40, 2013, p.149-184.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

Canal Papo Fuleiro. Live com Pulguinha dos Gaviões da Fiel. Youtube, 14 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YVkQTSqXJi0&t=1879s>>.

Canal Digão Vila Moraes. Papo de Maloqueiro – Episódio 7: Pulguinha. Youtube, 19 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YVkQTSqXJi0&t=1879s>>

Recebido em 15 de março de 2023
Aprovado em 11 de novembro de 2023